

Sobre Infâncias e Cultura

Levindo Diniz Carvalho¹

Pedagogo, Mestre e Doutorando em Educação pela UFMG.
Professor do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC e do Curso Licenciatura Indígena da UFMG.



IMAGEM 1: "As meninas", de Velásquez, Museu do Prado, 1656, Madrid. (óleo sobre tela)



IMAGEM 2: Menino no bairro Taquaril brincando de caixotinho. Fonte: Registro de campo.

Neste texto pretende-se discutir aspectos que caracterizam o olhar das ciências humanas acerca da infância contemporânea, especialmente no que diz respeito a compreensão da alteridade da infância em suas linguagens, práticas e produções culturais.

Nos últimos dez anos, tenho tido experiências profissionais e acadêmicas que me aproximaram da criança em diferentes instancias educativas e de socialização².

¹ O autor tem experiências em formação de educadores, consultoria e pesquisa nos campos da Infância e Educação especialmente nos temas: jogo, brinquedo e brincadeira, educação infantil, culturas infantis, educação integral, ações sócio-educativas, cidadania, direitos da Criança.

² Destaco neste percurso minha atuação como consultor em projetos sócioeducativos voltados à crianças em situação de vulnerabilidade pela SEDESE/MG e pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome; e minha pesquisa de mestrado (CARVALHO 2007) um estudo

Esse processo permitiu reflexões sobre as condições de vida, saberes, educabilidade e práticas culturais da infância que convergem um olhar para a compreensão da infância e suas especificidades.

Embora sempre tenham existido crianças nem sempre houve a idéia de infância, como categoria social, a compreensão contemporânea de infância foi construída socialmente ao longo da história, à medida que saberes em diferentes campos do conhecimento foram construídos.

As crianças são vistas, contemporaneamente, como atores sociais dotados de pensamento reflexivo e crítico, daí a relevância que se pretende atribuir às suas ações como prova de si e do que são como seres inteligentes, socialmente competentes e com capacidades de realização.

À medida que estudos se voltam para a observação de crianças, suas formas de sociabilidade e seu diálogo com a cultura adulta, vêm se constituindo uma produção transdisciplinar nos estudos da infância. Nos últimos anos, esses estudos, antes predominantemente circunscritos aos domínios da psicologia, foram ampliados para outros campos disciplinares (GOUVEA 2003). Emergem trabalhos referidos a diferentes áreas do conhecimento, que configuram novos campos temáticos, designados por uma história da infância, antropologia da infância, filosofia da infância, sociologia da infância.

Essa compreensão aponta para idéia de que os estudos de socialização não mais devem se basear em uma concepção da criança na perspectiva de futuro, mas explorar a infância em si mesma, uma vez que a socialização pode ser percebida como um processo mútuo, no qual não só as crianças, mas também os adultos sofrem modificações. (QVORTRUP, 2003)

etnográfico das práticas culturais de dois grupos distintos de crianças: um grupo indígena Pataxó e um grupo de moradores do bairro Taquaril em Belo Horizonte.

O rompimento com as concepções tradicionais dominantes a respeito das crianças e da infância que as definem como seres irresponsáveis, imaturos, incompetentes, simples objetos passivos e meros receptáculos de uma ação de socialização, uma tábula rasa onde os adultos imprimem a sua cultura, é base para uma compreensão sociológica da infância:

Ao negarmos uma compreensão da criança que a desqualifica como alguém incompleto, quer dizer, alguém que se constitui num *vir-a-ser* distante no futuro, privilegiamos situá-la no espaço em que o tempo se entrecruza entre presente, passado e futuro [...] a criança não se constitui no amanhã: ela é o hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo. (SOUZA, 2003, p. 159).

Passa-se, portanto, a chamar a atenção para a categoria geração e para a emergência de estudos que tomam a infância como uma construção social específica, ou sujeitos concretos – crianças - como produtoras de uma cultura própria e que merece ser considerada nos seus traços peculiares.

A legislação internacional,³ acompanhando os desenvolvimentos científicos, consigna à criança o estatuto de cidadão de plenos direitos. Trata-se, efetivamente, de conferir à criança um estatuto conceitual e cívico em plano de igualdade com os outros grupos ou categorias geracionais,⁴ no quadro da sua especificidade.

Como afirmam Sirota (2001) e Sarmiento (SARMENTO 2003), a preocupação em estudar a criança do ponto de vista da sociologia não é propriamente recente. O que é novo é uma inversão do olhar que, ao assumir a autonomia conceitual das crianças e da infância na produção cultural, considera que tal produção, bem

³ Em especial, A Carta Internacional dos Direitos da Criança, de 1987, simboliza o acesso da criança, no final de uma longa história de emancipação, ao estatuto de sujeito e à dignidade da pessoa. A Declaração Universal dos Direitos da Criança e, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁴ A noção de infância nasce de uma construção sócio-histórica. As crianças, hoje, assumem uma distinção em relação às experiências do adulto, e são seres ativos na construção e determinação da própria vida, mas tal distinção não é absoluta. Os processos de construção social e cultural da criança se dão na relação com o adulto. (CARVALHO 2007)

como o estudo de suas relações sociais, é digna de ser estudada em si mesma, no presente, e não no seu futuro como adultas.

A linguagem da brincadeira ou o brincar, por exemplo, evidencia aspectos identitários e culturais, sua análise permite que traços culturais da sociedade sejam evidenciados. Sendo a criança sujeito cultural, o seu brinquedo tem as marcas do real e do imaginário vividos por ela, o mundo infantil é marcado pela história, é constituído pelas relações que estabelece com as gerações precedentes (FLORES, 2005). Com base nessa compressão passamos a investigar a infância no que lhe é específico e especialmente pensar a infância na relação com a cultura. As culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto as culturas adultas, ao mesmo tempo em que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo. (SARMENTO 2006 p.57).

Neste caminho, torna-se um desafio apreender a singularidade das produções simbólicas infantis, essas produções podem ser analisadas como expressões de uma cultura geracional construída no interior *de* e no diálogo *com* a cultura mais ampla.

As linguagens e a infância

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Manuel de Barros

As crianças significam o mundo por meio das linguagens: falar, brincar desenhar, imaginar, experimentar o corpo, são expressões e modos de apreensão simbólica do mundo pelas crianças, e elas o fazem na interação com as outras crianças e com os adultos. Nessa interação a criança compreende o mundo e experimenta múltiplas emoções. Grande parte dos brinquedos e brincadeiras, por exemplo, tem caráter coletivo criando importantes ligações afetivas.

A ludicidade media a ação da criança com o mundo e envolve inteligência e desejo, ação e habilidade, e supera o conhecer, o querer, o agir, porque implica também prazer e desprazer. Elementos esses que dialogam com a linguagem da fantasia, do simbolismo e do imaginário.

Para ilustrar esses aspectos apresentaremos dois fragmentos do trabalho etnográfico realizados com crianças de contextos culturais distintos, crianças Indígenas Pataxó e crianças moradoras do bairro Taquaril em Belo Horizonte.

As crianças Pataxó⁵: Natureza e meio ambiente

A natureza e seus elementos estão fortemente presentes na cultura Pataxó. Um exemplo disso é a principal festa da comunidade, a chamada *Festa das Águas*, realizada anualmente na aldeia, cuja intenção é celebrar a natureza. Nesse sentido, a natureza é mais que fonte de alimentação ou matéria para do artesanato. Seus elementos estão intrinsecamente ligados à cultura Pataxó, seus mitos, rituais e histórias.

As crianças Pataxó, em seu cotidiano, constroem saberes sobre a natureza e o uso de seus elementos, uma vez que seu espaço de brincadeiras é constituído desses elementos. Elas incorporam à cultura Pataxó elementos mitológicos e valores que marcam sua relação com o meio ambiente:

Quem maltrata a natureza o pai da mata pega, quem faz maldade a caipora faz perder o caminho. (M. pataxó, 10 anos)

As crianças brincavam de correr próximo à horta, quando iniciou-se o seguinte diálogo:

Menino 1: – *Você está Pisando no Feijão! Saí daí!*

⁵ O povo indígena Pataxó pertence à etnia Pataxó Bacumuxá, que é do tronco lingüístico macro-jê. A primeira notícia que se tem desses índios é do século XVII, quando, aliados aos maxacalis, lutaram contra seus inimigos ancestrais, os denominados botocudos, termo que abrange vários outros povos que habitavam o mesmo território, dentre eles os atuais krenaks. Conhecidos pelo seu seminomadismo, o grupo Pataxó pesquisado ocupa hoje a Fazenda Guarani, no município de Carmésia/MG, desde a década de 1970. São, aproximadamente, 200 pessoas.

Menino 2: – *Não tinha visto, esse feijão é de Dione?*
Menino 1: – *Não sei de quem é, mas não vamos pisar aqui.*
(Registro de campo)

Os elementos da natureza também constituem materiais para a construção de inúmeros brinquedos. É interessante perceber como variações de brinquedos produzidos com outros materiais em outros universos culturais surgem no repertório de brinquedos pataxós tendo elementos da natureza como “matéria-prima”, revelando formas deste grupo de crianças se apropriarem ludicamente de seus ambientes e materiais disponíveis.



IMAGEM 3: Menino pataxó e seu apito de coquinho aricuri. Fonte: Registro de campo.



IMAGEM 4: Cata-vento de folha de manga. Fonte: Registro de campo.

As vivências e saberes sobre a natureza das crianças pataxó são exemplos de como nessa realidade sociocultural se circunscrevem saberes relativos a uma consciência ambiental e uma relação de respeito, acolhimento e reverência à natureza.

Crianças moradoras do taquaril⁶: a relação com o mundo adulto.



IMAGEM 5: Meninas brincando de “bolinha de sabão”.
Fonte: Registro de campo.

No bairro Taquaril, a ausência de adultos não significa não-diálogo com a cultura adulta. Em diferentes brincadeiras, estão presentes elementos da cultura adulta, como exemplificado no registro de campo abaixo:

Como consequência de uma discussão por causa de uma bola, dois meninos começam a brigar, um terceiro pegou um pedaço de pau e assumiu o lugar de um jornalista, como se estivesse ‘cobrindo’ a briga.

Menino: – *Estamos aqui no Castanheira, a comunidade está cada vez mais violenta, pavoroso está massacrando o bigode e detonando a cabeça dele na brita. E a senhora, o que está achando de mais essa briga aqui na comunidade?*

O adulto e o universo adulto foram referências nessa brincadeira. As ações de um jornalista foram reproduzidas por menino com um sentido próprio e essencial ao

⁶ O Conjunto Taquaril está localizado na região leste de Belo Horizonte. O bairro pertence a um dos bolsões de miséria da capital, contando com uma população de aproximadamente 18 mil habitantes. Os indicadores sociais (IQVU, IVS, IAS) e os dados demográficos da região revelam o nível de vulnerabilidade da população e o precário acesso educação e saúde de qualidade, bem como a bens de consumo e bens culturais.

seu processo de apreensão do mundo. Ele interpretou um repórter televisivo, (até mesmo o tom sensacionalista), mas a “reportagem” era relativa à sua comunidade. Os protagonistas da violência registrada eram seus colegas, também crianças, assim como crianças representaram, no imaginário do menino, pessoas da comunidade que podiam dar suas opiniões sobre o ocorrido. Essa brincadeira exprime, portanto, interpretações e desejos do menino sobre padrões de comportamentos sociais que circunscrevem sua realidade.

Brincadeiras que envolvem o exercício do imaginário muitas vezes são a direta reprodução interpretativa do universo adulto (CORSARO, 2002). Ou seja, “ser jornalista” naquele momento significou para aquela criança um instante de elaboração sobre realidade de violência presente em seu cotidiano e ainda sobre como essa realidade é retratada nos meios de comunicação.

Outro exemplo que marcar essa relação com o universo pode ser observado em uma brincadeira das crianças com o telefone público da comunidade. Fazendo uso do telefone, as crianças brincam de “falar com outro país”:

Um grupo de crianças estava mexendo no telefone público, colocando no ouvido, falando e desligando.

Pesquisador: – *O que vocês estão fazendo?*

Menino: – *Ligando para o Japão*

Pesquisador: – *É mesmo?*

Menino: – *É! Quer ligar também? A mulher fala japonês e a gente responde!*

O menino falou em ‘japonês’ ao telefone, sorriu e desligou.

As crianças discavam um número, que sabiam de cor, e uma gravação realmente falava alguma coisa em japonês, provavelmente um serviço de interurbano. Ouvir outra língua e tentar comunicar-se por meio dela era uma brincadeira para essas crianças, que tinham no telefone público o contato com mundo externo em parte desconhecido, mas imaginado e também elaborado por elas.

Na experiência da brincadeira, portanto, as crianças partilham os significados que marcam sua existência social e ressignificam situações, espaços e objetos, atribuindo novos entendimentos e formas de lidar com os objetos e situações ou criando situações que são do seu imaginário.

Alteridade e infâncias contemporâneas.

É necessário compreendermos os processos de interação e de aprendizado entre as crianças, dando mais atenção ao uso que elas fazem das linguagens, entendendo-as como um modo da criança “conhecer e conhecer-se”.

Se a alteridade permitiu à antropologia, bem como à história e sociologia novas formas de investigação e uma outra concepção dos seus objetos de conhecimento – os sujeitos sociais, ela nos invade ao pensar a questão da infância e problematizar as categorias que historicamente construímos e utilizamos para compreender, investigar e atuar junto a estes sujeitos infantis. (GOUVEA, 2003, p. 9)

A observação de práticas de brincadeiras de diferentes contextos socioculturais contribui na construção de olhar amplo sobre o significado da experiência de infância, compreendendo que práticas culturais e simbólicas das crianças revelam formas próprias de se viver diferentes infâncias.

A observação de espaços e tempos de sociabilidade pode oferecer pistas de como as crianças se relacionam, como aprendem, interpretam e como processos educativos pensados para elas podem ser construídos.

A compreensão contemporânea de infância como produtora de culturas instiga novos olhares para o campo da educação no sentido de passarmos a entender a brincadeira não como atividade imposta ou interventiva, e sim como legítima linguagem infantil.

Desse modo, a compreensão das práticas culturais infantis, transmitidas ou criadas pelas crianças em seus espaços, tempos e interações, provoca uma reflexão de como as crianças aprendem, desenvolvem e compreendem sistemas simbólicos fundamentais para sua inserção na história e na cultura.

Compreender a idéia da infância como construção social é entender que essa construção está sujeita às transformações históricas e contextos geográficos, culturais e políticos. Portanto, ainda que se tenha contemporaneamente um entendimento de infância, existem múltiplas condições de se viver esse ciclo da vida, que varia em função das realidades socioculturais, assim convivem contemporaneamente diferentes infâncias.

Mesmo em situações precárias de sobrevivência ou vulnerabilidade social, as crianças mostram-se exercendo as capacidades humanas de apropriação e transmissão de práticas culturais, construindo sua sociabilidade e se apropriando de seus mundos. Ressalto aqui a necessidade de rompermos com uma visão idealizada da infância como período livre das asperezas do mundo, buscando uma análise crítica e apurada sobre as múltiplas infâncias contemporâneas e suas condições de vida.

Referencias Bibliográficas:

AMADO, João. Universo dos brinquedos populares. Lisboa: Quarteto Editora 2002.

BEJAMIN, Walter. Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

CARVALHO, Levindo Diniz. Imagens da Infância: brincadeira, brinquedo e cultura. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CERIZARA, Ana Beatriz. De como o papai do céu, o coelhinho da páscoa, os anjos e o papai noel foram viver juntos no céu! In: KISHIMOTO, Tizuko. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira 1998.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 17. p. 113-134. 2002.

COUTINHO, Laura Maria. (org.) Educação da Sensibilidade: Encontro com a Professora Maria Amélia Pereira. Brasília: UNB, 1994.

FLORES, Zilá Gomes de Moraes. A criança em Walter Benjamin e Florestan Fernandes. In: ANAIS da 28ª reunião anual da ANPED, Caxambu, Minas Gerais, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07397int.rtf>

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Infância Sociedade e Cultura. IN: CARVALHO, Alysson. Et al. (orgs) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Ed. UFMG 2003

HUIZINGA, JOHAN, Homo Ludens. São Paulo-SP, Perspectiva, 1980.

KISHIMOTO, TIZUCO MORCHIDA (org.), Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação, 3ª edição, São Paulo- SP, Cortez, 1999.

LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002. 280 p.

QVORTRUP, J. Macroanalysis of childhood. In: CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. *Research with children: perspectives and practices*. 4. ed. London: Routledge/Falmer, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e Cerisara, Ana Beatriz (Orgs.) *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sócio Pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa Editores, 2003.

SOUZA, Solange Jobin e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

VYGOTSKY, L. - A formação social da mente. SP, Martins Fontes, 1987

WAJSKOP, Gisela. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 2001.